

Cadernos de estágio

Como formar futuras e futuros docentes antirracistas no Ensino de Química?

Ana Carolina Araújo da Silva ¹

Informações

1 anacarolina.silva@ufjf.br

Como citar este texto

SILVA, Ana Carolina Araújo da. Como formar futuras e futuros docentes antirracistas no Ensino de Química?. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 2, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n2ID40517](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n2ID40517).



Estou diante do planejamento da disciplina Reflexões sobre a Atuação no Espaço Escolar – Área de Química I e da Estágio Supervisionado em Ensino de Química I da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mas o que me move, mais do que as estruturas dos planos de ensino, são as perguntas que se impõem como convite e urgência: Como formar docentes antirracistas no Ensino de Química?

A pergunta apareceu de forma sutil, meio atravessada, mas insistente. Talvez fosse reflexo das leituras que venho fazendo sobre relações étnico-raciais. Talvez fosse culpa daquela frase que li no livro da Barbara Carine, “Como Ser um Educador Antirracista: O que posso fazer hoje”. Ou talvez fosse apenas minha consciência cutucando o silêncio que eu mesma reproduzi por tanto tempo. Desde então, aquela pergunta virou uma companheira: Como formar docentes antirracistas no Ensino de Química?

É preciso dizer: formar professores antirracistas no Ensino de Química não é simplesmente inserir um conteúdo aqui ou ali. É mudar a perspectiva. É mostrar que há Química nas práticas ancestrais de produção de sabão em comunidades quilombolas. Que há saber químico nos modos de preparação de tintas naturais por povos indígenas. Que há ciência nos saberes populares sobre fermentações, ervas medicinais e cosméticos naturais.

2

Mais do que isso, é mostrar que há epistemicídios quando esses saberes são negados. Que há racismo quando a escola silencia as contribuições negras e indígenas para a ciência. Que há injustiça quando estudantes negros não se reconhecem nos currículos, nas referências ou nas metodologias.

Formar docentes antirracistas é dar ferramentas para que eles consigam tensionar o que está posto. É permitir que questionem os próprios materiais didáticos, que construam aulas que conectem ciência e território, que reconheçam o impacto das desigualdades sociais no acesso à educação científica. E que, sobretudo, construam ambientes em que os estudantes possam existir plenamente, com suas histórias, culturas e identidades.

Ao iniciar o planejamento da disciplina, estou pensando nos caminhos que esses futuros professores vão trilhar. Alguns deles atuarão em escolas com estruturas frágeis, em comunidades marcadas por exclusão. Outros, talvez, não tenham tido acesso a debates raciais em sua trajetória formativa.

É por isso que trago essas discussões para dentro do planejamento. Não como conteúdo isolado, mas como parte do cotidiano pedagógico. Quero incentivar a compartilhar suas vivências, a observarem as relações dentro das escolas, a pensarem em propostas de intervenção a partir das desigualdades que identificam. Quero criar espaços de escuta, de desconstrução, de cuidado.

É nesse momento que a formação deixa de ser apenas técnica e se torna ética. Porque ensinar Química é também ensinar a conviver, a respeitar, a transformar.

Formar docentes antirracistas é, antes de tudo, um compromisso com a vida. É entender que, ao ensinar ciência, também ensinamos valores. E que entre uma equação e outra, há um mundo inteiro pedindo para ser enxergado com mais humanidade.

No fim das contas, o planejamento daquele dia nem ficou pronto. Mas ganhei um novo caminho.

E sigo. Com perguntas, com falhas, com acertos. Mas sigo. Porque ensinar Química também é um ato de coragem.

Em relação às aulas, não tenho receita. Não tenho manual. Tenho perguntas. Tenho o compromisso de tentar. E tenho, acima de tudo, a certeza de que formar docentes antirracistas é também uma forma de transformar a ciência em ponte, não em muro.